

official de ta provincia, o « Piahy » n. 94 de 30 de julho não pude permanecer no meu proposito em consequencia de um artigo assignado pelo mesmo Sr. Odorico.

Não pensem, porém, Srs. Redactores, que venho defender-me de taes calumnias, não ha bastante tempo que a nobre comarca de Parnaguá fez justiça ao meu caracter, cujos habitantes me conhecem desde a minha infancia, e justificado me acho no animo das pessoas sensatas que conhecem o Sr. Odorico, porque sabem do quanto elle é capaz. O que venho fazer é dar uma resposta a « Piahy » porque tenho ouvido dizer ultimamente, « que o correctivo da imprensa é a propria imprensa ». não obstante o nosso codigo criminal, estabelecer penas para os que abusarem da sua liberdade. Mas creio que esta parte do codigo está revogada actualmente, porque é o proprio jornal official que acaba de commetter esse crime, admitindo que em suas paginas se escrevão artigos do quilate do que é assignado por—Odorico José de Britto. Examinemos a sua linguagem: « Miseravel, eu podia inventar, analysar, historiar mesmo a tua vida privada, o teu melindre, mas não querendo emparelhar-me contigo e nem parecer-me com tua pessoa repulsiva e figura nojenta, calome-me. » *Horresco referens.*

Linguagem desta ordem, só se vê no jornal « Piahy » ou nos alcuces pela mais impudica regateira.

Pensei em chamar esse detractor da minha reputação a responsabilidade, porém depois vi que seria expôr-me ao ridiculo, porque quem escreve para um jornal official neste estylo, é certamente porque conta com a impunidade e com a protecção de quem pôde mais que a lei. E assim desisti do meu intento. O Sr. Odorico José de Britto, por tanto não é o culpado, é um ente sem responsabilidade, deve satisfazer a quem lhe manda e por sua vez satisfazer-se tambem.

Os partidos politicos quando se sentem desprestigiados, principião a cercar-se de certos entes vis e miseraveis não só para encher as suas fileiras, como tambem para lançal-as a guiza de cães damnados, sobre as reputações dos homens honestos dos outros partidos.

É um recurso extremo e desesperado, mas é o que nós vemos praticado actualmente no Brazil. Ha de haver tempo porém, isto é, quando voltar o imperio da lei, que esses entes de que acabo de fallar, em vez de engrossar fileiras de partidos, engrossem o numero dos galés em Fernando de Noronha ou das cadeias publicas.

Hoje criminosos d'esta ordem campeiam altivos e impunes, porque servem de vis instrumentos de paixões alheias, de capangas em eleições e testas de ferro em outros casos! São entes uteis para os partidos demoralisados e sem criterio na opinião publica.

É realmente uma situação dolorosa a que atravessamos; quando vemos a imprensa official servir de pelourinho nas praças publicas para desabafo de paixões ruins, e servir-se de uma linguagem só propria de tavernas. Que confiança pode merecer um jornal como o « Piahy » (para o proprio partido que representa, ou de que é órgão) que se rebaixa tanto, que insulta os seus adversarios politicos em uma linguagem tão descomedida e impropria! Tenho fé no futuro, e Deus não consentirá que por muito tempo continue este estado deploravel de cousas, elle é justo e bom, e cedo chegará o reinado da justiça aqui no Brazil. E ai desses criminosos que campeiam hoje de collo erguido affrontando a sociedade e a moralidade publica!

Continue o jornal « Piahy » a insultar-me, eu o responsabilizo moralmente perante o tribunal da opinião. Deixo de parte o Sr. Odorico Britto, como já disse, elle não tem responsabilidade, e por isso eu só respondo ao « Piahy, por que aquelle Sr. é incapaz de uma discussão em termos decentes.

Prosegue o « Piahy »... a comarca de Parnaguá sabe qual dos dois é o melhor, apello para os homens de consciencia (por exemplo o Serpa) e probidade que nos julgue. » E' até onde pode chegar a semcer-

monia de uma creatura, que nada tem a perder. Pois bem, eu tambem quero que a comarca seja o nosso juiz. Nascido nella, sou bem conhecido, pois tenho sempre vivido aqui, e os seus habitantes que digão—se fui bom filho, se sou bom irmão, bom esposo, bom cidadão e empregado zeloso e diligente no cumprimento dos meus deveres. Não tremo da sua sentença. Poderá o mesmo dizer do Sr. Odorico? Será elle bom filho, bom irmão, bom esposo e bom pae? Creio que não, e o « Piahy » tambem sabe que não.

Diz mais o « Piahy » Sim, eu podia ir adiante e relatar mais com minuciosidade certos factos que todo Parnaguá é sabedor como por exemplo.—Os soldos dos guardas nacionaes destacados comprados por 5\$000 reis.—Os 13\$000 reis dos estafetas de Santa Philomena quem pagas 8\$000 reis. Como se mente e calumnia-se em ponto tão elevado!

Realmente não é seria essa accusação—lançada ao vento, e senão venhão as provas. Nada porem quero deixar sem resposta porque quasi todas as mentiras tem o seu principio de verdade. Certamente conhecendo da necessidade de um ou outro guarda destacado nesta villa, fiz-lhe alguns adiantamentos, isso com o fim somente de favorece-los, pois é sabido que esses pobres guardas andão constantemente com 8 e 10 mezes de soldo vencidos ahi na Theresina, sem esperança de providencia a esse respeito.

Quanto aos 13\$000 reis dos correios de Santa Philomena, recebi ordem do administrador do correio desta capital para ir fazendo os suprimentos dos ditos correios, que breve viria providencias n'este sentido: assim o fiz, e lá vai perto de dois annos que estou no desembolso da quantia de 199\$000 reis, dos ditos fornecimentos. Que lucro pois podia eu tirar dos ordenados de taes correios ainda que os comprasse a 1\$000 reis?

Quanto as outras mentiras, principio algum tem de verdade, são calumnias grosseiras e despreziveis e que não pode merecer as honras de uma resposta.

O jornal « Piahy » pode continuar a calumniar e injuriar-me, porem prometto não responder mais os artigos que vierem assignados por—Odorico José de Britto.

Queirão Srs. redactores publicar essas linhas, que muito obrigará o seu constante leitor.

Belisario José Ribeiro Guimarães.

Oeiras, 21 de agosto de 1869.

Srs. redactores.—Venho pedir a V. S.^{as} que me fação o obsequio de dar publicidade ao seguinte em seu conceituado jornal; por que desejo que o publico saiba até onde chega o abuso da prepotencia.

Eu sendo ignorante fui induzido pelo Sr. tenente-coronel Manoel Ignacio de Araujo Costa, para, como escrivão do juizo de paz, lavrar uma escriptura de venda de uma escravinha feita por Quirino Leite Varella, mencionando a parte compradora como presente; e declarando que ella assignava, sem que todavia ella ahi se achasse e menos assignasse; sendo que o dito tenente-coronel foi que desfarçando a letra assignou pela parte compradora, me dizendo que elle sendo interessado no negocio me punha a salvo de qualquer mal no futuro, alem de que a parte compradora, que era interessada, jamais negaria que esteve presente, e que assignou a escriptura, por que era de interesse d'ella; alem de que sendo elle quem assignava, eu devia ver logo que era bastante para não haver risco.

Agora fui informado que no juizo de S. Gonçalo, ou no de Jeromenha estão produzindo uma justificação para provar que no dia 16 de outubro de 1867, em que foi passada a escriptura, a parte compradora estava ausente desta cidade, distante d'ella muitas legoas; acontecendo até segundo me informarão que a propria parte confessou já perante muitas pessoas que n'aquelle dia estava no termo de Jeromenha!

Procurei os que me meterão nessa tremenda embaraço, e só me dizem que não tinham medo,

Ora essa é a boa, como não hei de ter medo, se a falsidade está descoberta?

Apresse-me em fazer o publico sciente do occorrido para que ao menos se saiba que eu fui victima incauta e ignorante. Eu não deixei de estranhar que o tenente-coronel Manoel Ignacio me viesse procurar para lavrar essa escriptura, havendo nesta cidade dois tabelliães um até seu amigo dedicado: agora é que vejo que elles como entendidos não se deixarião levar pelos engodos do Sr. tenente-coronel.

Sou satisfeito com qualquer resultado que me sobrevenha porem fique o publico sabendo do que occorreu.

De V. S.^{as}
Att.^o e Cr.^o
J. S. da Silva.

Piripiry 16 de Setembro de 1869.

Illm.^{os} Srs. redactores da Imprensa.—É bem ardua, e bem difficil a tarefa de escrever para o publico, maxime quando no individuo que a isto se propõe fallecem as precisas habilitações para o completo desempenho de missão tão espinhosa. Compentradado desta verdade, e conhecedor de minha insufficiencia, não ouzaria, por certo, expor-me voluntariamente as merecidas criticas da opinião publica, se o dever sagrado que corre de defender a honra de meu finado Pai e verdadeiro amigo, o Revd. Domingos de Freitas e Silva, acremente velipendia-la, não me fizesse arrastar todas as consequencias, e vir a imprensa, lavar perante o publico sensato, a quem devo todas as conveniencias de decôro, os injustos baldões, que varios individuos desta povoação, perante hum meu especial amigo, e pessoa de verdade, e em huma roda de varias pessoas, poucos dias depois da morte de meu pai, procurou lançar sobre elle dizendo que elle havia mandado, ver em puder do Revd. padre Antonio da Silva Fialho, de Sobral, dinheiro para dizer missas, e que não as tinha dito.

É para que o publico do quanto é mentirozo, a todo traço, esse individuo de tão baixa esphera, peço a V. S. para que se dignem inserir nas columnas de seu conceituado jornal, a copia fiel da resposta do Revd. padre Fialho, a mim dirigida, e por tudo lhe será grato o seo assignante.

Domingos de Freitas e Silva.

Illm.^o Sr. Domingos de Freitas Silva.—Sobral 7 de julho de 1869.

Tenho presente a sua presada carta de 4 de Maio do corrente anno.

Ella custou a chegar-me as mãos, e ainda custou-me mais achar occasião de portador para essa povoação.

Com tudo o portador desta não vai directamente para lá; por isso não tenho certeza que esta lhe chegue as mãos. Dou-lhe os pesames pelo fallecimento do meu amigo e irmão em Christo, o Revd. padre Domingos. Eu tive occasião de mandar dizer por elle muitas Missas; elle nunca me pediu o dinheiro adiantado, eu só mandava-lhe a importancia das Missas, ao depois que me vinhão as certidões; e assim o meu amigo sempre foi muito exacto nas suas contas, e nunca duvidei da sua probidade.

Sou de V. S.

Att.^o Vr.^o Cr.^o
Padre Antonio da Silva Fialho.

Desrespeito á casa do Senhor.

Existem nesta cidade duas bandas de muzica militar, uma chamada dos liberaes, outra dos vermelhos: ha já algum tempo, que as vezes, aos Domingos, a dos vermelhos vai tocar nas missas celebradas pela manhã cedo na igreja do Rosario pelo P.^o José Dias de Freitas, fazendo a outra dos liberaes a mesma coisa nas celebradas na matriz pelo vigario conego João de Souza Martins.

Ultimamente, tendo este sahido em desobriga passou o P.^o Freitas a celebrar as missas na matriz, aos Domingos.

Na de hoje presenciou-se um espetaculo, triste e desolador. A muzica dos liberaes

para alli se dirigio a tocar na forma do costume, e apresentou-se a outra de proposito para impedi-la de desempenhar essa tarefa, tocando ao mesmo tempo que ella.

Ao principiar a missa tocou logo a dos vermelhos, e a outra não: mas quando por occasião do santo da missa, esta na tocar, pôz-se a outra tambem a fazer a mesma coisa, de sorte que foi uma balburdia tal, que ninguem poude mais ouvir a missa com religiosidade.

Era uma cassuada, que desapontou a todos os fieis, com excepção dos que para lá forão para promover tal balburdia, entre os quaes conta-se, infelizmente, o Delegado de policia supplente em exercicio, tenente Firmino Correia de Lemos, que da capella do SS. Sacramento animava e incitava a muzica vermelha.

Assim tambem fazia o tenente-coronel Manoel Ignacio de Araujo Costa, que até já se quer fazer de vigario, por quanto tendo o P.^o Freitas, depois da missa, protestado que não mais celebraria, quando se apresentassem as duas muzicas, e o sacristão Theotonio José da Cunha dito que nem abria a igreja, aquelle tenente-coronel alterou-se, e disse a este,—que o havião de fazer &c.

Note-se que houve proposito em tudo, por que, contra o costume, apresentaram-se quasi todas as figuras vermelhas, e a tal muzica d'elles se foi collocar acima das grades, tambem contra o costume, tendo querido collocar-se acima do arco, o que deixou de fazer por não ter consentido o sacristão.

E' até onde pode chegar a immoralidade de certa gente! Não sei onde iremos ter!

Já na Semana Santa ultima por occasião da procissão do enterro do Senhor, e quando ia a sahir o seu Sacrosanto Corpo na tumba, vio-se o delegado de então, major Ludgero de Moraes Rego, a questionar inconvenientemente por causa de musica, sem querer que fosse a dos liberaes e sim a dos vermelhos. O que mais nos resta ver?

O Sr. P.^o Freitas, que se sustentaria no proposito, que manifestou a contrario o templo do Senhor se converterá em circo de gladiadores; mas a ameaça do Sr. de Araujo Costa?

Oeiras, 17 de outubro de 1869.

O Christão.

Perguntas innocentes.

Pergunta-se ao autor do annuncio publicado no « Liberal Piahyense » n.^o que comprou os gados da fazenda Monte Bello, data da Sallina do termo de Oeiras, pertencentes a D. Francisca Clementina do Amor Divino, o dia mez e anno em que effectuou esta compra, e no caso afirmativo, se as terras, casas curraes, cercados e mais bem feitorias ainda pertencem a mesma Senhora, e de quem a referida senhora houve esta, fazenda, e por quanto ella comprou, e se nesta compra não houve lezo a fazenda publica? tudo isto muito deseja saber um curioso.

O Violão.

Os abaixo assignados gratos ao bom tratamento que receberam abordo do vapor Piahy, em sua viagem até esta villa, recorrem aos jornaes afim de provarem ao seu digno commandante o Sr. capitão Tavares o quanto lhe são agradecidos.

Som Gonçalo 24 de setembro de 1869.

*Cornelio Dias da Silva,
Joaquim Fernandes Antunes.*

O publico será meu juiz.

Mais de uma pessoa me tem declarado que meu irmão Gabriel Ribeiro Soares, tem propalado nesta cidade que eu na qualidade de seu socio lhe dei para mais de cinco contos de reis de prejuizo, e que lhe devo diversas quantias.

Parece que essa injusta accusação, que meu mano faz-me é uma premeditação para algum fim. Minha consciencia se acha tranquilla, e firmado nella declaro que nem um prejuizo dei ao dito meu irmão; os lucr-

